

## Caderno Linhas Críticas



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. Fonte: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/about>. Acesso em: 29 mar. 2021.

### REFERÊNCIA

WUENSCH, A. M. Revisitando Montaigne: um olhar humanista sobre a educação filosófica das crianças. **Caderno Linhas Críticas**, Brasília, v. 4, n. 5-6, p. 63–82, jul. 97/jul. 98. DOI: 10.26512/lc.v4i5-6.2784. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/2784>. Acesso em: 29 mar. 2021.

# Revisitando Montaigne: *um olhar humanista sobre a educação filosófica das crianças*

Ana Míriam Wuensch\*

## Introdução

Atualmente, a discussão teórica e a prática do ensino da filosofia mais além da universidade e do segundo grau são uma realidade que se afirma. Cada vez mais encontramos experiências e literatura sobre o tema, tanto na forma de propostas de intervenção educacional no ensino fundamental e infantil, como na forma de descrição e análise de manifestações filosóficas das crianças, observadas por pais e professores.<sup>1</sup>

Estamos perto de poder afirmar que, ao lado das pesquisas sobre a lógica, a linguagem e o conhecimento, que caracterizam os principais interesses filosóficos deste século, também a revisão das relações entre a filosofia e a infância, tradicionalmente tratadas como opostas, é uma grande contribuição da filosofia para as áreas de educação, psicologia, direitos humanos e mesmo a metafísica. Afinal de contas, a idéia de que as crianças possam se envolver em discussões filosóficas com sentido e rigor, ainda que não com erudição (pois a erudição em filosofia pode ser entendida como uma consequência da prática filosófica mas não como uma condição para o envolvimento com as problemáticas filosóficas) abre o caminho para discussões mais amplas sobre o que é a filosofia e como nos introduzimos nela, como as crianças pensam e qual a contribuição do seu pensamento para as questões mais

---

\* Mestranda em filosofia pela UFG e professora do Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília.

<sup>1</sup> No sentido de intervenção educacional a partir da filosofia, podemos citar o Programa *Filosofia para Crianças*, de Matthew Lipman, já conhecido por muitos educadores brasileiros, que vem sendo difundido no Brasil desde 1984.

relevantes da humanidade, o que é uma criança e o que é a infância, entre outras questões.

Certamente as condições para a expansão desta perspectiva neste século estão associadas a fatores como o desenvolvimento das pesquisas teóricas e empíricas sobre o desenvolvimento cognitivo e a aprendizagem na infância, a consolidação do ensino público para os níveis fundamentais e pré-escolar e a crescente atenção dispensada à infância pelos movimentos de direitos humanos e cidadania, bem como a necessidade de revisão dos paradigmas educacionais adotados em todo o mundo ocidental. Entretanto, a idéia mesma de que a filosofia possa ser ensinada para as crianças e que isto não apenas é possível, mas também desejável, é uma idéia que merece ser melhor investigada. Investigada filosoficamente.

Entre os filósofos profissionais de hoje e mesmo ao longo da tradição filosófica existe uma espécie de acordo tácito sobre a oposição filosofia e infância, como se a filosofia fosse uma ocupação séria, de adultos apenas, e as crianças, por sua própria natureza, tratassem tudo de forma lúdica e descompromissada. Outra objeção bastante consensual é que a filosofia exige um nível de abstração elevado demais para a inteligência infantil, e que as questões filosóficas, por sua própria natureza, não podem ser compreendidas pelas crianças. Podemos encontrar as origens dessas afirmações nos textos de Platão, Aristóteles, Kant e Hegel, principalmente, ainda que outros elementos em suas vidas e obras tornem ambíguas ou problemáticas suas afirmações sobre este tema. Essas idéias, ainda que dominantes, encontram objeções de outros filósofos, e de outras perspectivas filosóficas, e pensamos que tais objeções merecem ser resgatadas para fundamentar ou enriquecer o debate que acontece hoje no marco das novas relações entre a infância e a filosofia promovido pelo trabalho teórico e prático de milhares de professores e alunos pelo mundo inteiro.

Nosso objetivo é mostrar que existem outras concepções de filosofia e de ensino da filosofia, diferentes daquela que atualmente prevalece na universidade, trazendo à luz aqueles argumentos que contestam a concepção de filosofia como uma atividade exclusiva de filósofos acadêmicos profissionais. Pois a filosofia, mesmo sendo também uma atividade de especialistas consagrada pela universidade, não perde suas raízes originárias na manifestação de qualquer ser humano que autenticamente busca o sentido e as razões do mundo e da própria existência. Também a ciência, a arte e o esporte encontram seus níveis máximos de sofisticação na atividade daqueles que se dedicam de forma disciplinada e apaixonada às suas áreas, e nem por isso o acesso a esses universos de saberes são excluídos da formação dos nossos jovens, sendo eles cuidadosamente introduzidos, de forma gradual, levando em conta o conhecimento em questão e sua adequação à idade e capacidade de compreensão dos alunos.

## I

Apresentaremos a seguir as contribuições que encontramos no capítulo XXVI do livro primeiro dos *Ensaio*s de Michel de Montaigne, sugestivamente intitulado *Da educação das crianças*. O texto tem a forma de uma carta, dirigida à condessa Diana de Foix, respondendo a um pedido feito por ela a um amigo de família, no sentido de orientá-la sobre a melhor maneira de educar seu filho que estava por nascer. Sob este pretexto, Montaigne lhe responde com um pequeno tratado de uma educação humanista, de caráter filosófico, sugerindo qualidades de um educador ideal, método e programa de ensino e finalidades últimas de uma educação virtuosa, que transformaria seu filho em um fidalgo, cidadão do mundo e senhor de si mesmo. Em que pese a diferença do contexto histórico em que Montaigne o escreveu e a singularidade da própria formação educacional vivida pelo autor, não podemos ignorar que este texto contém idéias para responder às perguntas que nos fazemos hoje, ao praticar a filosofia com as crianças. Suas idéias, datadas de 1580, na França influenciada pelo renascentismo italiano, fazem sentido para nós, na medida em que nos ajudam a refletir sobre os marcos que buscamos estabelecer para os desafios educacionais em geral e para o ensino da filosofia em particular.

Nossas perguntas acerca do ensino da filosofia nos níveis secundário e básico giram hoje em torno das seguintes questões: Que filosofia vamos ensinar ou praticar com nossos alunos, no cenário da diversidade das correntes e problemas filosóficos contemporâneos e da vastidão que a tradição filosófica apresenta? E com que finalidade vamos ensiná-la? Devemos enfatizar os conteúdos ou as atitudes filosóficas? Que perfil de professor deve ser formado nas universidades para trabalhar com adolescentes e crianças? Que qualidades devem ser desenvolvidas ao longo da formação desse profissional? Como a filosofia deve aparecer no cenário curricular das escolas? Se for uma disciplina, qual o seu lugar e sua relação com as demais disciplinas científicas, técnicas e artísticas existentes no currículo escolar? Se não for uma disciplina, como estabelecer a diferença da filosofia na escola, que práticas e atitudes podem caracterizá-la? E, mais além dos currículos, que educação é esta que pretendemos, onde a filosofia participa ativamente, de uma ou outra maneira?

O estilo ensaístico de Montaigne talvez não agrade o gosto mais analítico, acostumado à demonstração objetiva e linear, com o mínimo de ambigüidade e digressões. Entretanto, o tema do texto de Montaigne permite múltiplas abordagens, e Montaigne é suficientemente claro para definir suas próprias idéias sobre a educação e a filosofia, ainda que lance mão de metáforas e analogias para fazer-se entender quanto ao que pretende dizer. Esses recursos retóricos, junto com a série de citações que utiliza para mostrar que suas próprias idéias não são invenções ou delírios seus, mas reflexões em torno de um campo polêmico, que exige tomada de posições, podem servir para nos

lembrar que em filosofia precisamos definir os termos e idéias que utilizamos e seguir as conseqüências de nossas pressuposições.

Sem pretender apresentar uma exposição definitiva de suas idéias, mas, antes, convidando-nos a pensar sobre um tema sempre em aberto, que exige de nós disposição para rever continuamente nossas idéias e experiências, Montaigne se coloca de maneira socrática, na introdução do seu texto:

*“Como quer que seja e quaisquer que sejam as inépcias que me passam pela mente, não as esconderei, como não esconderia meu retrato se em vez de jovem e belo me representasse calvo e grisalho como o sou, em verdade. Exponho aqui meus sentimentos e opiniões, dou-os como os concebo e não como os concebem os outros; meu único objetivo é analisar a mim mesmo e o resultado desta análise pode, amanhã, ser bem diferente do de hoje, se novas experiências me mudarem. Não tenho autoridade para impor minha maneira de ver, nem o desejo, sabendo-me mal instruído para instruir os outros.”<sup>2</sup>*

Como roteiro de leitura do texto *Da educação das crianças*, sugerimos um caminho que recorta e sistematiza os temas centrais e que nos interessam, numa ordem próxima à do próprio texto, embora cada tema apresentado volte sempre, recorrentemente, de forma a ampliar e aprofundar a idéia inicial. Nosso roteiro organiza e seleciona os seguintes temas do texto:

1. Educação: tarefa e dificuldades.
2. Crítica ao modelo escolar dominante.
3. Uma maneira nova de educar.
4. A filosofia na educação de crianças e jovens: programa e finalidade de uma educação filosófica.

## 1. Educação: tarefas e dificuldades

Quem pode opinar sobre a educação? Os pedagogos? Os pais? As crianças? Existe alguém no mundo, no passado ou no presente, que saiba com segurança o que deve ou não ser ensinado e como deve ou não ser ensinado? É possível uma ciência da educação? Um conhecimento seguro que ofereça garantias de seu resultado? Vejamos o que pensa sobre isto Montaigne:

*Alguém, depois de ler o ensaio precedente (XXV - Pedantismo), dizia há tempos em minha casa que eu me devia ter alongado um pouco mais sobre a educação*

<sup>2</sup> MONTAIGNE, Michel. *Ensaíos*. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Abril, 1972, Livro Primeiro, Capítulo XXVI, p.80. Todas as citações de Montaigne serão feitas de acordo com esta edição. Indicaremos só o número da página.

*das crianças. (...) Mas, na realidade, disso só entendo que a maior e mais importante dificuldade da ciência humana parece residir no que concerne à instrução e à educação da criança.*

*O mesmo acontece na agricultura: o que precede à sementeira é certo e fácil; e também plantar. Mas depois de brotar o que se plantou, difíceis e variadas são as maneiras de tratá-lo. Assim os homens: pouco custa semeá-los, mas depois de nascidos, educá-los e instruí-los é tarefa complexa, trabalhosa e temível. (p. 80)*

A educação é uma necessidade humana. Somos seres educáveis, suscetíveis de aprendizado. Entretanto, esta tese se opõe a outra, que diz que a educação e o ambiente nada mais fazem que revelar nossas predisposições, sejam elas determinadas biológica ou divinamente. Estaria nossa natureza já determinada ou seríamos seres em aberto, capazes de criar estruturas e não apenas realizar estruturas já contidas em nós? O problema da natureza humana, o seu grau de determinismo e a questão da liberdade é um problema filosófico de fundo que Montaigne enfrenta, já no início do seu texto. Problema herdado dos gregos, certamente, mas relativizado pelos teólogos cristãos, que introduziram o conceito de pessoa e livre arbítrio para resolver o problema do mal no mundo e a bondade de Deus. Montaigne se refere à idéia platônica das almas, predeterminadas antes do nascimento, para relativizá-las com a educação, formal e informal, que opera transformações nos indivíduos.

*O que se revela de suas tendências [das crianças] é tão tênue e obscuro nos primeiros anos, e as promessas tão incertas e enganadoras que se faz difícil assentar um juízo seguro.*

*Vede como Címon e Temístocles, e tantos outros se desmentiram a si próprios. Os filhotes de urso e de cães mostram sua tendência natural; os homens, porém, metendo-se desde logo em hábitos, preconceitos e leis, mudam ou se mascaram facilmente.*

*Certamente, é muito difícil modificar as propensões naturais. Daí provém que, em não se tendo escolhido bem o caminho a seguir, trabalha-se inutilmente muitas vezes e se precisam anos para instruir as crianças acerca de coisas que não chegam a tomar pé. Em todo caso, nessa dificuldade a minha opinião é que as encaminhem sempre para coisas melhores e mais proveitosas, sem levar demasiado em consideração as vagas indicações e prognósticos que tiramos da infância. Platão em sua República parece dar-lhes importância excessiva. (p. 80)*

Se há tendências, não podemos afirmar com segurança que elas sejam inatas ou imutáveis, pois, diferentemente dos animais, contamos com o trabalho da cultura sobre as disposições da natureza desde o nascimento, e torna-se difícil distinguir o que é inato do que é adquirido. Na dúvida, Montaigne aposta no empenho educacional para oferecer as melhores oportunidades às crianças, o que aumenta a responsabilidade das escolhas

dos adultos em relação às experiências educativas que proporcionam às crianças.

## 2. Crítica ao modelo escolar dominante.

Montaigne usa a distinção entre educação e escola e sabe que a aprendizagem não se realiza exclusivamente na segunda. Além disso, no século XVI, o sistema educacional distinguia claramente as classes da nobreza, que eram preferencialmente educadas em casa, com o auxílio do preceptor (uma espécie de professor particular e tutor intelectual), e as escolas organizadas durante a idade média eram, predominantemente, religiosas, e tinham como finalidade maior educar almas no espírito cristão. Somente após a Revolução Francesa, no século XVIII, é que o sistema educacional vai se secularizando a partir da administração do Estado. Desde então, é lançado o ideário de uma educação pública e gratuita, voltada não mais para a salvação das almas, mas para a formação de cidadãos letrados, que possam conhecer as leis e contribuir para o aperfeiçoamento da sociedade.

Mas, ainda no século XVI, as bases dessa revolução posterior estão sendo preparadas, e toda a efervescência cultural e científica, proporcionada pelo Renascimento Italiano, favorece a transformação das próprias idéias pedagógicas da época. A volta aos clássicos e a nostalgia do mundo grego antigo e tardio reintroduz os autores considerados pagãos pela Igreja. A experiência das escolas gregas antigas é revisitada e contrastada com a experiência dos colégios católicos da época, marcados pelo rigor desvirtuado do método escolástico, já em decadência (no século XII e XIII, entretanto, a escolástica representou uma invenção pedagógica e um método de pesquisa original).

No texto de Montaigne pode-se verificar claramente essa influência, e ele mesmo relata sua experiência com os dois métodos de ensino, mostrando-se francamente favorável à liberdade e à eficácia do novo método italiano em oposição à escolástica. O caráter lúdico e aberto do ensino inovador na época, estratégico para despertar o gosto e a curiosidade pela leitura, observação da realidade e pelo julgamento pessoal dos fatos e idéias, é contraposto à memorização de conteúdos sem relação com o pensamento próprio e a erudição vaidosa e sem vida. Também no uso de citações, ao longo de todo o texto, revela-se a preferência do autor pelos pensadores gregos e latinos pré-cristãos. Nas palavras de Montaigne, o contraste dos dois sistemas educacionais:

*"A disciplina rigorosa da maior parte de nosso colégios sempre me desagradou. Menos prejudiciais seriam talvez se a inclinassem para a indulgência. São verdadeiras prisões para cativo da juventude, e a tornam cínica e debochada*

*antes de o ser. Ide ver estes colégios nas horas de estudo: só ouvireis gritos de crianças martirizadas e de mestres furibundos. Linda maneira de acordar o interesse pelas lições nessas almas tenras e tímidas, essa de ministrá-las carrancudo e de chicote nas mãos, que método iníquo e pernicioso! Gostaria que fossem atapetadas de imagens da alegria, do júbilo, de Flora e das Graças, como mandou fazer em sua escola o filósofo Espeusipo. Onde haja o proveito esteja também a diversão.”(p. 88)*

Esta imagem foucaultiana da escola como prisão e o contraste com um ambiente alegre e prazeroso de aprendizagem em relação ao ambiente escolar dominante encontra sua contrapartida na concepção diferenciada de ensino e aprendizagem e da própria relação com o conhecimento que será cultivada junto às novas gerações:

*“Nosso espírito, no sistema que condeno, não procede senão por crença e adstrito à fantasia de outrem, serve o cativo de ensinamentos estranhos. Tanto nos oprimiram com andadeiras que já não temos movimentos livres. Vigor e liberdade extinguíram-se em nós.(...) Quem segue outrem não segue coisa nenhuma; nem nada encontra, mesmo porque não procura. “Não estamos sob o domínio de um rei; que cada qual se governe a si próprio.” (Sêneca) Que ele ao menos tenha consciência de que sabe. Não se trata de aprender os preceitos destes filósofos, e sim de lhes entender o espírito. Que os esqueça à vontade, mas que os saiba assimilar.(...) Da mesma forma, os elementos tirados de outrem, ele os terá de transformar e misturar para fazer com eles obra própria, isto é, forjar sua inteligência. Educação, trabalho e estudo não visam senão a formá-la. (...) O proveito de nossos estudos está em nos tornarmos melhores e mais avisados. É a inteligência, dizia Epicarmo, que vê e ouve; é a inteligência que tudo aproveita, tudo dispõe, age, domina e reina. Tudo o mais é cego, surdo e sem alma. Certamente tornaremos a criança servil e tímida se não lhe dermos a oportunidade de fazer algo por si. Quem jamais perguntou a seu discípulo que opinião tem da retórica, da gramática ou de tal ou qual sentença de Cícero? Metem-nas em sua memória bem arranjinhas, como oráculos que devem ser repetidos ao pé da letra. Saber de cor não é saber: é conservar o que se entregou à memória para guardar. Do que sabemos efetivamente, dispomos sem olhar para o modelo, sem voltar os olhos para o livro. Triste ciência a ciência puramente livresca! Que sirva de ornamento, não de fundamento.” (p. 81-2)*

Montaigne está falando claramente de um ensino que respeita a pessoa de seu aluno e a sua inteligência. Trata-se de buscar uma aprendizagem significativa, elaborada ativamente pelo próprio aluno, e não um mero simulacro de livros ou do saber do professor. É a formação de indivíduos autênticos e livres que ele defende, contra o condicionamento de rebanhos. Esta maneira “nova” de tratar do ensino e da aprendizagem encontra ecos nos debates educacionais de hoje, e nos traz a sensação, ainda que breve, da

falta de progresso em matéria de educação. Mas talvez progresso não seja uma categoria adequada para avaliar as mudanças em educação.

### 3. Uma maneira nova de educar.

O novo método de ensino defendido por Montaigne tem características bem definidas no seu procedimento e no perfil do professor que vai ministrá-lo. Deste professor, ou preceptor, deveria esperar-se que fosse *“um guia com a cabeça bem formada, mais que exageradamente cheia e que, embora se exigisse as duas coisas, tivesse melhores costumes e inteligência do que ciência. Mais ainda: que exercesse suas funções de maneira nova.”* (p. 81) Que não se entenda desta afirmação que Montaigne desprezasse o domínio de conteúdo necessário para ser um professor. Mas ele sabia que isto não era suficiente para ser um educador, e advertia que o excesso de informações e conteúdos apresentados sem sentido poderia antes ser prejudicial do que favorável ao desenvolvimento da inteligência. O acento está na *maneira nova* de exercer a função educativa. Vejamos o que isto quer dizer.

*“Não cessam de nos gritar aos ouvidos, como que por meio de um funil, o que nos querem ensinar, e o nosso trabalho consiste em repetir. Gostaria que ele [o preceptor] corrigisse este erro, e desde logo, segundo a inteligência da criança, começasse a indicar-lhe o caminho, fazendo-lhe provar as coisas, e as escolher e discernir por si próprio, indicando-lhe por vezes o caminho certo ou lho permitindo escolher. Não quero que fale sozinho e sim que deixe também o discípulo falar por seu turno. Sócrates, e posteriormente Agesilau, obrigavam os discípulos a falarem primeiro e somente depois falavam eles próprios. “Na maior parte das vezes a autoridade dos que ensinam é nociva aos que desejam aprender. (Cícero)” É bom que faça trotar essa inteligência à sua frente para lhe apreciar o desenvolvimento e ver até que ponto deve moderar o próprio andar, pois em não sabendo regular a nossa marcha tudo estragamos. É uma das mais árduas tarefas que conheço colocar-se a gente no nível da criança; e é característico de um espírito bem formado e forte condescender em tornar suas as idéias infantis, a fim de melhor guiar a criança. Quanto aos que, segundo o costume, encarregados de instruir vários espíritos naturalmente diferentes uns dos outros pela inteligência e pelo temperamento, a todos ministram igual lição e disciplina, não é de estranhar que dificilmente encontrem em uma multidão de crianças somente duas ou três que tirem o devido fruto.”* (p. 81)

Há muitos elementos esclarecedores nesta passagem. Em primeiro lugar, a formação do professor e o domínio do conteúdo que pretende ensinar são necessários para que ele possa, habilmente, ouvir o pensamento do aluno e decidir pela melhor forma de interagir com esse pensamento, apontando as

direções de investigação e estudo para conduzir o aprofundamento do estudo. Em segundo lugar, uma objeção que poderia ser levantada a Montaigne seria que é mais fácil trabalhar da maneira proposta por ele com um aluno, mas não com trinta ou quarenta crianças em sala de aula. Em parte, essa objeção é verdadeira quando se trata da tendência a superlotar salas de aula e se supõe que o ensino deva ser informativo, mecânico e massificado.

Mas também poderíamos objetar a Montaigne que a forma de ensinar que ele propõe não implica necessariamente o ensino individualizado, mas que esta forma pode perfeitamente adaptar-se a um trabalho de grupo, se entendermos que a linguagem e o conhecimento são processos socializantes e que o pensamento individual se desenvolve melhor no contraste com formas alternativas de pensar. Em todo caso, entendemos que a idéia sobre o trabalho do professor com a “multidão” de crianças, como aparece na citação, se refere antes a uma crítica à pretensão dos professores em universalizar seu modo de ensinar, como se ele fosse objetivo o suficiente para ser entendido igualmente por todos, desconsiderando que o próprio professor tem também sua “inteligência e temperamento” e existe uma tendência narcísica dos professores em se sentirem autorizados pelos alunos que respondem positivamente às suas proposições, ao invés cultivarem a empatia necessária para se colocar no lugar de alunos que pensam ou aprendem de forma diferente daquela que o professor ensina.

Por fim, gostaríamos de sugerir uma relação entre as idéias de Montaigne e o que se convencionou chamar de discurso construtivista na educação. O método socrático, aludido no texto, parece ter alguma semelhança com aquilo que hoje se chama de *conhecimento prévio* dos alunos, e o procedimento de levar em conta o que o aluno diz para fazer as intervenções a partir daí, tem seu correspondente no método filosófico do diálogo, onde o pensamento individual vai sendo “construído” a partir da interação das falas entre os participantes do diálogo.

Além disso, essa postura educacional do professor, aqui definida por contraste com uma maneira monológica e autoritária de ensinar, tem procedimentos metodológicos específicos, como se pode ver a seguir. A pergunta “como podemos ensinar desta maneira?” é respondida por Montaigne em várias passagens que comentamos a seguir:

a) *“Que não lhe peça conta apenas das palavras da lição, mas também do seu sentido e substância, julgando do proveito, não pelo testemunho da memória e sim pelo da vida. É preciso que o obrigue a expor de mil maneiras e acomodar a outros tantos assuntos o que aprender, a fim de verificar se o aprendeu e assimilou bem, aferindo assim o progresso feito segundo os preceitos pedagógicos de Platão. É indício de azia e indigestão vomitar a carne tal qual foi engolida. O estômago não faz o seu trabalho enquanto não mudam o aspecto e a forma daquilo que se lhe deu a digerir.”* (p. 81)

Um dos procedimentos é, pois, verificar o entendimento do que se pretende ensinar. A maneira sugerida por Montaigne é a verificação, através de paráfrases e traduções que os alunos possam construir, do seu nível de entendimento do assunto. Repetir da mesma maneira não é indício de aprendizagem. Só a re-elaboração daquilo que se assimilou indica uma verdadeira apropriação do saber. Por outro lado, o entendimento avança para a compreensão, e a compreensão de um tema ou assunto pode ser verificada pela capacidade de estabelecer relações daquilo que se trata com outros assuntos e com a própria experiência. Sendo a aprendizagem um processo subjetivo, a verificação da aprendizagem exige que aquele que ensine busque “mil maneiras” de fazer o aluno expressar aquilo que entendeu e compreendeu. E, curiosamente, essa “verificação” da aprendizagem é, ela mesma, um momento da própria aprendizagem.

b) *“Tudo se submeterá ao exame da criança e nada se lhe enfiará na cabeça por simples autoridade e crédito. Que nenhum princípio, de Aristóteles, dos estóicos ou dos epicuristas seja seu princípio. Apresentem-se-lhe todos em sua diversidade e que ele escolha se puder. E se não o puder fique na dúvida, pois só os loucos têm certeza absoluta em sua opinião. “Não menos que saber, duvidar me apraz” (Dante).” (p. 81-2)*

O princípio fundamental desta “nova” maneira de ensinar é a educação para a autonomia intelectual, para a capacidade de pensar por si mesmo. E isto deve ser feito desde a postura do professor, que nada apresenta como inquestionável ou fixo. Problematizar o que é dado, suspeitar de afirmações, enfrentar de igual para igual aqueles que pensaram antes de nós, engajando aí não apenas nossa inteligência, mas nosso ser total, este é o desafio que enfrentam os professores comprometidos com uma educação libertária, pois como propor isto para os alunos se não fizer antes, o próprio professor, esta experiência? O caminho para a autonomia intelectual é a diversidade, a comparação criteriosa das alternativas e o saudável exercício da dúvida.

c) *“(…) nos querem ensinar a bem julgar e bem falar sem nos exercitar em uma coisa ou outra. Ora, para exercitar a inteligência, tudo o que se oferece aos nossos olhos serve suficientemente de livro (...) Por isso, o comércio dos homens é de evidente utilidade, assim como a visita a países estrangeiros, não para nos informar (...) mas para observar os costumes e o espírito dessas nações e para limar e polir o nosso cérebro ao contato com os outros.” (p. 82)*

Dois novos procedimentos aparecem nesta passagem: a necessidade de aprender não apenas o que significa a autonomia intelectual, mas como realizá-la. E esta autonomia não é um exercício solitário de algum cérebro

privilegiado, é antes a história da experiência do convívio com os outros, no debate intelectual e no cotidiano dos costumes e hábitos. É a diversidade que estimula o exercício do juízo, da capacidade de bem pensar. Onde há uniformidade, não há pensamento propriamente dito.

d) *“Ensinar-lhe-ão a somente discorrer e discutir quando encontrar alguém capaz de responder, e ainda assim a não empregar todos os meios que disponha mas apenas os mais apropriados ao seu assunto. Que o tornem exigente na escolha e peneiramento de suas razões, anigo da exatidão, e, portanto, da brevidade. Que lhe ensinem sobretudo a ceder e sustar a discussão ante a verdade, logo que a enxergue, surja ela dos argumentos do adversário ou de sua própria reflexão, pois não lhe cabe o papel prescrito e falar de cátedra; e se defende uma causa é porque a aprova (...) Que a consciência e a virtude brilhem em suas palavras e só a razão tenha por guia. Ensinar-lhe-ão a compreender que confessar o erro que descobriu em seu raciocínio, ainda que ninguém o perceba, é prova de discernimento e sinceridade, qualidades principais a que se deve aspirar. Teimar e contestar obstinadamente são defeitos peculiares às almas vulgares, ao passo que voltar atrás, corrigir-se, abandonar sua opinião errada no ardor da discussão, são qualidades raras, das almas fortes e dos espíritos filosóficos.”* (p. 83)

Aqui encontramos uma série de procedimentos associados ao exercício do diálogo, onde se aprimoram os juízos. E a experiência do diálogo não é uma experiência meramente intelectual, é uma experiência completa de relação com o outro. Pelo menos duas dimensões do diálogo, intelectual e ética, estão contempladas nas orientações dadas por Montaigne nesta passagem, e se manifestam através dos aspectos ressaltados por ele: ser sensível ao contexto do debate, ser relevante nas suas colocações, dar razões para suas idéias, orientar-se pela verdade da investigação e não pela disputa pessoal ou forense, ser claro e preciso nas suas colocações, não monopolizar a fala, mas alternar sua vez com a vez do outro, ser capaz de auto-corrigir-se. Esta série de atitudes e posturas só podem ser cultivadas se nos exercitamos efetivamente em um ambiente de diálogo comprometido com estes procedimentos.

e) *“Ensinar-lhe-ão que em sociedade deve prestar atenção em tudo, pois verifico que os primeiros lugares são muitas vezes ocupados pelos menos capazes e o bafejo da sorte quase nunca atinge os competentes. (...) Terá que sondar o valor de cada um: boiadeiro, pedreiro ou viandante. Cada qual em seu domínio pode revelar-nos coisas interessantes e tudo é útil para o nosso governo. As próprias tolices e fraquezas dos outros nos instruem. Observando as graças e as maneiras de todos, será levado a imitar as boas e desprezar as ruins. Que lhe inculquem no espírito uma honesta curiosidade por todas as coisas; que registre tudo o que haja de singular à sua volta: um edifício, uma fonte, um homem, um antigo campo de batalha (...) é agradável saber estas coisas e muito útil aprendê-las.”* (p. 83-4)

Nesta passagem, Montaigne reforça um procedimento já indicado em outras oportunidades: não é só nos livros, mas na experiência que se exercita a atitude filosófica. Por isso a filosofia é, para ele, um modo de vida, como para Sócrates. A abertura para a reflexão e reconsideração constante de nossas idéias é cultivada através da curiosidade sobre os fatos e os costumes dos homens, relacionando continuamente como são as coisas e como elas poderiam ou deveriam ser, fazendo interagir o saber com a atitude ética, o reconhecimento do valor do outro por detrás dos preconceitos sociais.

f) *“O ensino deverá ser ministrado ora por conversas, ora por leituras; ora o preceptor lhe apresentará o próprio texto do autor mais adequado ao fim da educação, ora lhe fornecerá somente o miolo, a substância. E se, de si mesmo, esse preceptor não for tão familiar com os livros para neles descobrir o material necessário à sua missão, poderão juntar-lhe algum letrado que, no momento certo, lhe forneça os alimentos precisos que depois lhe caberá distribuir aos alunos(...) no nosso método a alma acha a que se apegar, com que se alimentar. O que dele tirar o jovem será maior e mais depressa amadurecerá.”* (p. 85)

Em relação ao material de ensino, Montaigne é claro no uso variado de recursos: uso de fontes, exposição do professor, textos secundários e diálogo, que, junto com o exercício de observação do cotidiano e dos costumes, estarão subsidiando a elaboração do saber pelo próprio aluno. A busca de recursos apropriados ou relevantes é tarefa do professor e é sua responsabilidade estar atento para o uso mais ou menos significativo que deles faça o aluno.

g) *“Quero que a delicadeza, a civilidade, as boas maneiras se modelem ao mesmo tempo que o espírito, pois não é uma alma somente que se educa, nem um corpo, é um homem: cabe não separar as duas parcelas do todo.”* (p. 88)

Esta passagem é significativa para perceber que todo procedimento tem em vista uma finalidade. Não se trata de usar “técnicas de ensino” dentro da nova maneira de ensinar que propõe Montaigne. Antes, é da educação de uma pessoa que ele está falando. Todo recurso, todo meio utilizado deve estar condicionado por esta finalidade e em função dele ser avaliado.

Pode-se perceber que a dimensão normativa do método, ou seja, a série de procedimentos que Montaigne sugere que sejam utilizados de forma adequada e oportuna para o desenvolvimento da autonomia intelectual, estão acompanhados e intimamente ligados a valores e princípios morais e sociais. A dimensão formativa acompanha indissociavelmente o ensino e a instrução, e impede que o método se transforme numa mera técnica ou receita de ensinar. A postura do professor e o seu procedimento com o aluno formam uma unidade, onde a relação interpessoal e o envolvimento pessoal com aquilo

que é estudado impede que se separe o conhecimento da vida. O que permite esta conexão interna é o trabalho com a sensibilidade e o entendimento, expressos na palavra *juízo*. A valorização e o cultivo da capacidade de *julgar* cada experiência, fato ou informação, de forma pessoal e conectada com o pensamento dos demais é que diferencia esta abordagem daquela que Montaigne condena. E o cultivo da capacidade de *julgar bem* e tudo o que ela implica, em termos de raciocínio e valores, sempre foi o campo privilegiado de ocupação dos filósofos. É por isso que Montaigne introduz, de forma natural e ao mesmo tempo necessária, a formação filosófica na sua proposta de educação das crianças.

### 3. A filosofia na educação de crianças e jovens: programa e finalidade de uma educação filosófica.

Vimos anteriormente que Montaigne critica o currículo escolar de sua época por considerar que muito do que se ensina aos alunos é *inútil*. Já sabemos que ele não está propondo uma educação sem conteúdos, mas uma avaliação da utilidade desses conteúdos. Ora, o que é útil é útil para alguma coisa, para um fim exterior a si mesmo, e por isso devemos nos perguntar: útil em relação à quê? Úteis em relação à vida, responde Montaigne. Se concordarmos com Montaigne que o objetivo maior da educação é nos ensinar a *viver bem*, ou como diziam os antigos gregos, alcançar a felicidade, a vida boa (eudaimonia), então deveríamos nos perguntar se o que estamos ensinando nas escolas está ajudando nossos alunos a viverem melhor e se o que ensinamos torna a nossa própria vida melhor. É isto que está por detrás da crítica dos conteúdos escolares feita por Montaigne:

*“Se soubéssemos restringir as necessidades de nossa existência a justos e naturais limites, veríamos que a maior parte das ciências em uso é sem utilidade para nós. E mesmo nas que são proveitosas existem pontos supérfluos ou obscuros que fora melhor abandonarmos, atendo-nos, como queria Sócrates, ao que comportam de útil: “Ousa se avisado: quem adia a hora de viver é como o camponês que espera que o rio acabe de correr; mas ele passará, e passará rolando eternamente.” (Horácio)” (p. 85)*

É claro que não são os conteúdos mesmos que estão sendo criticados aqui, mas sua adequação em função da finalidade da educação. Uma educação que tenha por fim preparar as pessoas para viverem bem deverá escolher conteúdos relevantes para esse fim. Em termos contemporâneos, os conteúdos curriculares são escolhidos em função de sua adequação a fins como a formação do cidadão e a preparação profissional, e algo já não mais muito claro como o *desenvolvimento integral da pessoa*. Embora se diga que somos

uma sociedade narcísica e hedonista, e a realização pessoal passe hoje pelo caminho incerto da realização econômica, nada disso parece lembrar o antigo ideal da felicidade ou eudaimonia dos gregos. Entretanto, Montaigne utiliza essa referência como o máximo da realização humana e acredita que jovens educados no sistema educacional que ele propõe estarão muito melhor preparados para a vida do que aqueles jovens adaptados aos grandes sistemas escolares baseados na memorização de regras e conteúdos sem vitalidade.

*“Ao fim de quinze a dezesseis anos compare-se o nosso jovem a um destes latinistas de colégio que terá levado o mesmo tempo para aprender a falar ! O mundo é apenas tagarelice e nunca vi homem que não dissesse antes mais do que menos do que devia. E nisto gastamos metade da vida. Obrigam-nos durante quatro ou cinco anos a aprender palavras e a juntá-las em frases, e outros tantos a compor um longo discurso em quatro ou cinco partes; e mais cinco pelo menos a aprender a misturá-las e a combiná-las de maneira rápida e mais ou menos sutil. Deixe-se isto a quem o faz por profissão.” (p. 89)*

E ainda:

*“Ensinam-nos a viver quando passada a vida.(...) Nosso jovem tem mais pressa. Não deve ficar entregue aos pedagogos senão até aos quinze ou dezesseis anos; o resto é da ação. Empregue-se, pois, este tempo que é curto no ensino do necessário.” (p. 87)*

Estas passagens nos levam a perguntar: E o que é necessário aprender, segundo Montaigne? Quais são, pois, os conteúdos relevantes no aprendizado da vida? Inspirado no currículo medieval das artes liberais (por sua vez um arranjo do programa de ensino grego ) composta pelo *trivium*: gramática, retórica e dialética; e *quadrivium*: aritmética, música, geometria e astronomia, Montaigne sugere alterações que iniciam o aprendizado pela filosofia, pois,

*“...entre as artes liberais, comecemos por aquela que nos faz livres. Todas contribuem em verdade para nossa instrução e a satisfação de nossas necessidades, como aliás, todas as coisas em certa medida. Mas ela [a filosofia] passa antes das demais, porquanto influi mais diretamente na nossa vida e nos ajuda a orientá-la (...) porque me parece que os primeiros raciocínios que lhe devem embeber o espírito [do aluno] são os que deverão regular-nos os costumes e os juízos, os que lhe ensinarão a conhecer-se, a saber viver e a morrer bem.” (p. 85)*

A história é matéria recomendada, para aprender os usos e costumes daqueles povos que já existiram e instruir-se nos feitos da humanidade, desde que estudada não como um “gramático” [decorando], mas “como um filósofo que analisa e põe em evidência as partes mais difíceis de penetrar em nossa natureza”

(p. 84). Também a literatura grega e latina é recomendada por ele, citando suas leituras preferidas. Mas é a filosofia que recebe todos os elogios no programa de educação de Montaigne, e seu exercício é recomendado, tanto quanto adverte para a necessidade de distinguir a disciplina da erudição doentia:

*“Por moço que seja, que ninguém se recuse a praticar a filosofia, e que os velhos não se cansem dela (Epicuro)”. Quem procede de outro modo parece dizer que ainda não é tempo de viver feliz ou que já não o é. Mas para tais ensinamentos não quero que prendam o jovem; não quero que o abandonem ao mau humor e à cólera de um mestre-escola furioso; não quero corromper-lhe o espírito torturando-o com trabalho, como o fazem a outros, catorze a quinze horas por dia, a exemplo de um carregador. Não acharia bom tampouco se, inclinado por temperamento para a solidão e a melancolia, e manifestando demasiado amor aos livros, lhe incentivassem este gosto; isso os torna inaptos para a vida em sociedade e os afasta de melhores ocupações. Quantos homens de meu tempo tenho visto embrutecidos por uma temerária avidez de ciência! Para o nosso jovem, um gabinete, um jardim, a mesa e a cama, a manhã e a tarde, todas as horas e lugares lhe servirão; em toda parte estudará, pois, a filosofia, que será sua principal matéria de estudo; como formadora da inteligência e dos costumes, tem o privilégio de se misturar a tudo.”* (p. 87)

Por ser essencialmente interdisciplinar, como diríamos hoje, a filosofia é o exercício do pensamento que transforma idéias e fatos em pretextos de reflexão, buscando-lhes os possíveis sentidos e significados, exercitando assim a capacidade de deliberar sobre o que é relevante para a vida humana. Na proposta de Montaigne, a filosofia é a disciplina favorita das crianças, porque reconhecem nela o caráter lúdico e prazeroso que anima a investigação filosófica. A alegria é o móvel dos filósofos, afirma Montaigne:

*“É estranho que em nosso tempo a filosofia não seja, até para gente inteligente, mais que um nome vão e fantástico, sem utilidade nem valor, na teoria como na prática. Creio que isto se deve aos raciocínios capciosos e embrulhados com que lhe atopetaram o caminho. Faz-se muito mal em a pintar como inacessível aos jovens, e em lhe emprestar uma fisionomia severa, carrancuda e temível. Quem lhe pôs tal máscara falsa, lívida, hedionda? Pois não há nada mais alegre, mais vivo e diria quase mais divertido. Tem ar de festa e folgado. Não habita onde haja caras tristes e enrugadas.”* (p. 86)

A liberdade do exercício filosófico, que permite explorar idéias mais além do que é conhecido e criar as próprias normas e regras visando viver bem é o que anima o filósofo nas suas especulações, bem como a confiança na sua razão, capaz de descobrir razões para fatos que, se ignorados e evitados, atormentam o ser humano. Por isso, se o livre exercício do pensamento alegria

quem pratica a filosofia, alguns dos temas essenciais que ela trata, como a morte, a dor e a injustiça promovem, quando se reflete filosoficamente sobre estes temas, uma serenidade de espírito que caracteriza o sábio.

*“Os estudos filosóficos alegrem e satisfazem quem os empreende, e não o entristecem nem o põem carrancudo: ‘pelo rosto que os reflete igualmente percebem-se os prazeres e os tormentos’ (Juvenal). A alma em que se aloja a filosofia faz com que o corpo participe de sua saúde. Leva ao exterior o brilho de seu repouso e de sua serenidade; modela o aspecto do corpo e o reveste de graciosa segurança, dá-lhe um aspecto ativo e alegre, um ar de satisfação e bonomia. O mais visível sinal de sabedoria é uma alegria constante. O sábio é sempre sereno.” (p. 86)*

Para Montaigne, a prática da filosofia como exercício da arte de pensar e viver bem - a sabedoria - é um estudo que se inicia mesmo antes da alfabetização, pois não é nos livros, privilegiadamente, que se aprende a filosofar, já que *“foi muito mais nos costumes do que nos escritos que os filósofos aprenderam a maior de todas as artes: a de viver bem”* (24). Invertendo a opinião corrente de que a filosofia é uma ocupação da idade adulta ou de pessoas muito experientes e eruditas, Montaigne insiste que a filosofia é acessível, necessária e desejável às crianças que são educadas para a autonomia moral e intelectual

*“Posto que a filosofia é a ciência que nos ensina a viver e que a infância como as outras idades dela podem tirar ensinamentos, por que motivo não lha comunicaremos? (...) Deixem-se de lado todas as árduas sutilezas da dialética, ilusórias e sem efeito sobre a vida; tomem-se os mais singelos preceitos da filosofia, escolham-nos com cuidado e tratem-nos bem: são mais simples de entender que um conto de Boccaccio. Uma criança os aprende, ao sair da ama, mais facilmente do que a ler e escrever. A filosofia tem regras para os recém-nascidos como para os decrepitos.” (p. 87)*

Defendendo que a filosofia é acessível a todos, pois nem a idade, nem a classe social são obstáculos para cultivá-la, ela não deve estar confinada nas instituições escolares, embora ela seja o eixo central de sua proposta de educação de crianças e jovens. A prática filosófica pode acontecer em outros contextos, mais além da escola, e sua presença, segundo ele, é bem vinda, envolvente e prazerosa:

*“Só a filosofia, na parte que trata do homem, seus deveres e obrigações, não deveria ser recusada nem nos festins nem nos jogos como assunto de conversação. E essa é a opinião de muitos sábios. Convidou-a Platão ao seu Banquete e vemos como ela entretém os convivas de maneira suave, adequada ao tempo e ao lugar, embora suas teses figurem entre as mais salutares e de*

*maior alcance desse filósofo: "igualmente útil aos pobres e aos ricos; desprezável a prejudica igualmente jovens e velhos" (Horácio) (p. 85)*

Por fim, deveríamos nos perguntar que tipo de pessoas assim formadas numa educação filosófica, nos termos que propõe Montaigne, deveríamos imaginar que fossem. Que tipo de sábios seriam estes, exercitados numa sabedoria prática, e que diferença eles fariam no convívio social? Estes sábios seriam pessoas virtuosas, ou seja, pessoas que buscariam a excelência moral. Não seriam santos nem seres perfeitos, mas pessoas que conheceriam melhor a si mesmas, capazes de se conduzirem e interagirem razoavelmente com os outros. Sem excessos nem desmedidas, à maneira aristotélica ou estoíca, com uma visão realista da vida, suas potencialidades e limites naturais. Pessoas responsáveis por seu próprio desenvolvimento, moral e intelectual, já que

*"...o ofício da filosofia é serenar as tempestades da alma e ensinar a rir da fome e da febre, não mediante um epíciclo imaginário qualquer, mas por meio de razões naturais e sólidas. Tem por fim a virtude, a qual não está, como quer a escolástica, colocada no cimo de algum monte alcantilado, abrupto e inacessível. Os que dela se aproximaram afirmam-na ao contrário, alojada em bela planície, fértil e florida, de onde se descortinam todas as coisas." (p. 86)*

Segundo Montaigne, seria possível reconhecer as pessoas educadas desta maneira, já que refletiriam o exercício da sabedoria num modo de vida, pois é característico da sabedoria prática ou razoabilidade buscar relacionar, de modo coerente e aplicado, à própria vida aquilo que se pensa de modo reflexivo:

*"Eis as minhas lições. Aproveita-as melhor quem as pratica do que quem apenas as sabe. Graças a deus, diz alguém em Platão, "filosofar não é nem muito aprender nem tratar das artes". (...) Estas lições o jovem as traduzirá em ações e as aplicará em atos da sua vida. Ver-se-á assim se é prudente em seus cometimentos, se é bondoso e justo no seu proceder; se é sensato e gracioso no seu falar; se tem ânimo na doença, modéstia nos jogos, moderação nos prazeres, o gosto fácil no que concerne aos manjares, seja carne ou peixe, e no que concerne às bebidas, seja vinho ou água: "se seus conhecimentos lhe servem, não para mostrar o que sabe mas para ordenar seus hábitos; se domina e obedece a si próprio." (Cícero) O verdadeiro espelho de nosso pensamento é a maneira de vivermos." (p. 89)*

## II

A exposição do programa educacional em bases filosóficas de Montaigne teve o objetivo de ressaltar, literalmente, as melhores idéias e argumentos desta defesa da idéia de filosofia na educação das crianças e, conforme o entusiasmo do autor, sua acessibilidade a todos, o que fere uma certa aura de aristocracismo e distinção que ainda hoje, em tempos de filosofia profissional, perpassa os cursos de filosofia nas universidades. Sem dúvida, a filosofia faz diferença para quem a pratica, e muito provavelmente aqueles que não são familiarizados com ela talvez pensem que esta disciplina seja alguma invenção de iluminados. Também alguns alunos de cursos de filosofia costumam ter esta impressão quando são iniciados em textos com uma linguagem técnica ou específica e exigências formais excessivas de professores que mais humilham do que estimulam suas inteligências. Parece que as vaidades e jogos de poder atravessaram estes séculos e os ambientes acadêmicos não são imunes a eles, antes, talvez, contribuam para alimentá-los.

Entretanto, um certo sentido humanitário continua se alimentando da filosofia, e uma proposta de educação que busque valores mais autênticos e libertários poderá encontrar na filosofia (quando levantadas as camadas de tecnicismo e exigências profissionais que a encobrem hoje) os recursos para estabelecer uma relação educacional que interage com o centro da sensibilidade e do interesse pessoal de cada um e daí com o outro e com o mundo. A dignidade do pensamento humano e o direito de aprender a pensar por si mesmo sobre o que já está ou ainda não foi estabelecido continua sendo o horizonte da prática filosófica.

As idéias de Montaigne ainda ecoam até nós hoje e encontram interlocutores envolvidos em continuar a defender a possibilidade e o direito de todos a uma educação filosófica. Alguns desses interlocutores estão envolvidos com as “novas” práticas filosóficas com crianças, entre os quais se destaca, para nós no Brasil, o programa de Filosofia para Crianças de Matthew Lipman.

## Resumo

O artigo retoma um texto dos *Ensaio*s de Michel de Montaigne, intitulado em português “Da Educação das Crianças”. Apresenta passagens selecionadas e reorganizadas à luz de temas debatidos hoje em torno da presença da filosofia na educação infantil, tais como o papel do professor numa educação filosófica, as justificativas para o ensino da filosofia para crianças, que tipo de filosofia deveria ser ensinada e como poderia ser ensinada. Encontramos em Montaigne um interlocutor fascinante para aqueles que se ocupam em pensar sobre o sentido da tarefa de ensinar filosofia nas escolas, bem como sobre a própria filosofia.

## Abstract

This paper presents an Essay from Michel de Montaigne entitled "Of the Education of Children". The author selects several passages to throw some light on several items of the present discussion concerning the presence of philosophy in Elementary Education, items like the role of the teacher in a philosophical education, reasons to teach philosophy to children, the nature of philosophy and how it should be taught. The author finds in Montaigne a fascinating voice to think about the meaning and sense of teaching philosophy at school and also to think about philosophy itself.

